

# Estratégias de *coping* e suas relações com o bem-estar no trabalho: um estudo com bombeiros militares

Coping and their connections with well-being at work: a study with military firefighters

Lhaís Alves de Souza Pereira Santana<sup>1</sup>

Sônia Regina Pereira Fernandes<sup>2</sup>

**Resumo:** Considerando que o trabalho do bombeiro envolve situações estressoras e que, apesar disso, esse profissional pode apresentar indicadores de bem-estar, o presente estudo adotou como objetivo geral analisar os tipos de estratégias de *coping* utilizadas pelos bombeiros militares que se relacionam ao bem-estar no trabalho. O estudo foi de natureza transversal e quantitativa. Para mensuração dos construtos abordados foram utilizadas as escalas de *Coping* Ocupacional (Pinheiro, Tróccoli, & Tamayo, 2003) e de Bem-Estar no Trabalho (Paschoal & Tamayo, 2008). A coleta de dados foi realizada no próprio local de trabalho dos participantes - 121 bombeiros militares. A análise dos dados foi, inicialmente, de natureza exploratória, posteriormente, realizou-se análise de correlação. Os resultados indicam correlação positiva, apenas, entre o *coping* controle e as dimensões realização e afetos positivos e o *coping* manejo de sintomas e realização. Recomenda-se a realização de novas pesquisas para ampliar a compreensão destes fenômenos na população estudada.

**Palavras-chave:** bombeiro militar, estratégias de *coping*, bem-estar no trabalho.

**Abstract:** Whereas the firefighter's work involves stressful situations and that, in spite of that, this professional can present indicators of well-being, the present study adopted as a general goal to analyze the types of coping used by firefighters that relate to well-being at work. The study was of a transversal and quantitative nature. The Occupational Coping Scale (Pinheiro, Tróccoli, & Tamayo, 2003) and Well-Being at Work Scale (Paschoal & Tamayo, 2008) were used to measure the constructs addressed. Data collection was performed at the participants' own workplace - 121 military firefighters. The analysis of the data was, initially, exploratory in nature, after which a correlation analysis was performed. The results indicate positive correlation, only, between coping "control" and the dimensions "achievement" and "positive affect" and coping "symptom management" and "achievement". It is recommended to carry out new research to increase the understanding of these phenomena in the study population.

**Keywords:** military firefighter, coping, well-being at work

---

1 Psicóloga, Mestra em Psicologia. Contato: lhaispsi@gmail.com

2 Psicóloga, Doutora em Saúde Pública, professora do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFBA.

# Estratégias de *coping* e suas relações com o bem-estar no trabalho: um estudo com bombeiros militares

Coping and their connections with well-being at work: a study with military firefighters

## Introdução

O significado do trabalho para as pessoas, apesar de mudar em função do contexto político, social e econômico, está envolvido em contradições: ele é visto ora como fonte de sofrimento e desgaste, ora como possibilidade de realização e desenvolvimento pessoal. Assim, apesar de o trabalho ser a causa de adoecimentos e de mortes, ainda é considerado como uma atividade essencial, que possibilita ao sujeito se sentir inserido em uma sociedade e proporciona a base da formação da identidade dos indivíduos. (Malvezzi, 2014; Tavares & Padilha, 2016).

Essa contradição que envolve o sentido do trabalho pode ser encontrada nas diversas categorias profissionais no Brasil, no entanto, em algumas categorias torna-se mais evidente, como na profissão de bombeiro militar. Esses indivíduos estão expostos a níveis altos de estresse e vêm reivindicando melhorias nas condições de trabalho. Mas, em contrapartida, esses profissionais além de deterem a confiança da sociedade, em geral, pesquisas indicam que demonstram orgulho do tipo de atividade exercida (Souza, Velloso & Oliveira, 2012).

Estudos que enfocam o trabalho, mais especificamente com bombeiros militares, costumam buscar compreender os aspectos que envolvem o sofrimento e o adoecimento (Lopes, 2010; Melo, 2015; Costa, Sangaleti & Santos, 2015). O enfoque dessas pesquisas na saúde psicossocial se justifica na medida em que os bombeiros estão expostos a situações estressoras, tais como acidentes com vítimas fatais, busca e salvamento em áreas de risco e desastres. Como exemplos de variáveis estudadas nessa população, podem-se citar síndrome de  *burnout* , síndrome de estresse pós-traumático, depressão e alcoolismo. Entretanto, pouco se investigam as variáveis que podem se relacionar a estados mais saudáveis do bombeiro. Isso reflete a tendência da psicologia, em geral, em que os estudos tendem a focalizar os aspectos negativos do comportamento humano.

Nota-se, porém, uma mudança no eixo de análise focalizando a saúde, de modo a considerar seus aspectos positivos e não somente a ausência/presença de doença, o que redireciona também os temas das pesquisas na área (Coelho & Almeida-Filho, 2002). Essa mudança de eixo sofreu influência da definição de saúde pela Organização Mundial da Saúde: “um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não consiste apenas na ausência de doença ou de enfermidade” (Constituição da Organização Mundial da Saúde – OMS/WHO, 1946). Como apontado por Mendonça, Ferreira, Porto e Zanini (2012), essa definição, além de considerar duas novas dimensões relacionadas ao processo saúde-doença, a psicológica e a social, até então negligenciadas pelo modelo biomédico, enfatiza o aspecto positivo da saúde. Assim, são introduzidos os conceitos de qualidade de vida e bem-estar nessa nova concepção, que influenciaram a nova tendência de pesquisas.

A mudança nos focos de investigação sobre a relação saúde-doença busca compreender os aspectos que contribuem para a manutenção e a promoção de processos mais saudáveis, e não apenas os aspectos relacionados ao adoecimento. Assim, no âmbito da saúde do trabalhador, justifica-se esse foco de pesquisa com vista

a alcançar maiores níveis de satisfação e de desempenho entre os trabalhadores e não, apenas, ficar restrito a identificação dos fatores que se relacionam a estados indesejáveis vinculados ao adoecimento (Paschoal et al., 2013). É importante considerar também os aspectos que promovem estados e/ou resultados mais saudáveis e positivos, para realizar práticas mais eficazes para o alcance de tais condições. Nesse contexto, é crescente a produção de estudos acerca do bem-estar geral e em âmbitos específicos da vida, como no trabalho.

Como já bastante conhecido na literatura (Cardoso, 2004; Cremasco, Constantinidis, & Silva, 2008; de Almeida, Ibdaiwi, Lopes, Costa & Possamai, 2015; Molinet, 2011), os bombeiros militares estão expostos a situações estressoras; entretanto, as pesquisas sobre o bem-estar nessa população são escassas. Nesse contexto, o presente estudo propõe responder à seguinte questão: que tipos de estratégias de *coping* utilizadas pelos bombeiros militares relacionam-se ao bem-estar no trabalho (nas dimensões afetos positivos e realização)? De forma específica, pretende-se responder às seguintes questões subsidiárias: qual é a estratégia de *coping* mais utilizada pelos bombeiros militares? Qual é o nível de bem-estar no trabalho apresentado por eles (em cada dimensão)?

Assim, como objetivo geral deste estudo, busca-se analisar os tipos de estratégias de *coping* utilizadas pelos bombeiros militares que se relacionam ao bem-estar no trabalho (nas dimensões afetos positivos e realização).

### **Estratégias de *Coping* e suas implicações no Bem-estar no Trabalho**

Influenciados pelos pressupostos da proposta acerca da saúde, que considera seus aspectos positivos e não somente a ausência/presença de doença, estudos recentes da literatura sobre a temática (2008–2014) buscaram identificar e compreender variáveis que se relacionam ao bem-estar nos diversos âmbitos da vida. No trabalho, aspectos individuais e/ou organizacionais que impactam o nível de bem-estar do trabalhador, tais como percepção de cultura, perfil pessoal e ações de qualidade de vida no trabalho; configurações de poder e características de personalidade; liderança, clima, capital psicológico e comprometimento; estilos de liderança e suporte para ascensão, promoção e salários; clima social, *coping* e variáveis demográficas; e locus de controle têm sido objeto de investigação (Carneiro, 2013; Dessen, 2010; Dessen & Paz, 2010; McMurray, Pirola-Merlo, Sarros, & Islam, 2010; Paschoal, 2008; Sant’anna, Paschoal & Gosendo, 2012; Sobrinho & Porto, 2012).

O *coping* ou, como é traduzido no Brasil, a estratégia de enfrentamento, é um dos construtos que tem sido incorporado à análise da relação com o bem-estar. Ele se refere aos esforços cognitivos e comportamentais direcionados às demandas específicas externas e/ou internas avaliadas como excessivas para os recursos do indivíduo (Folkman & Lazarus, 1990). *Coping* também pode ser definido como as formas com que as pessoas reagem ao estresse. Assim, identificar que tipos de estratégias de *coping* são mais adaptativas, ou relacionam-se a processos mais saudáveis, contribui de forma significativa para intervenções em todos os âmbitos da vida.

Alguns construtos foram adotados a fim de responder às questões centrais do estudo. Para a análise do bem-estar, foi escolhido o construto Bem-Estar no Trabalho, proposto por Paschoal e Tamayo (2008), visto que o nível de bem-estar varia conforme o âmbito da vida — neste caso, o âmbito do trabalho. Essa perspectiva considera o Bem-estar no Trabalho como “a prevalência de emoções positivas no trabalho e a percepção do indivíduo de que, no seu trabalho, expressa e desenvolve seus potenciais/habilidades” (Paschoal & Tamayo, 2008, p. 102).  
Revista Brasileira de Psicologia, 03(02), Salvador, Bahia, 2017

e avança no alcance de suas metas de vida” (Paschoal & Tamayo, 2008, p. 16). Assim, esse construto nos fornece fatores importantes para uma melhor compreensão do bem-estar no contexto de trabalho. Nessa direção, foi escolhido o construto proposto por Latack (1986), denominado “estratégias de *coping* ocupacional”. Tais estratégias são definidas como esforços cognitivos e comportamentais direcionados às demandas externas e/ou internas avaliadas como excessivas para os recursos do indivíduo.

No modelo de *coping* ocupacional, Latack (1986) classifica as estratégias de *coping* em três tipos: a) ações e reavaliações cognitivas de enfrentamento, denominadas de estratégias de controle; b) ações e reavaliações cognitivas de esquiva perante a situação estressora, denominadas de estratégias de esquiva; e, finalmente, c) estratégias que se referem às tentativas popularmente aceitas de lidar com os sintomas de estresse, denominadas de manejo de sintomas.

Com base na conceituação do bem-estar no trabalho, entende-se que o bem-estar envolve tanto os aspectos afetivos (emoções e humores), foco da perspectiva hedônica, quanto os aspectos cognitivos (percepção de expressividade e realização), foco da abordagem eudaimônica. Como salientado pelos autores, tal definição permite que o conceito seja aplicado em contextos diversos de trabalho, organizacionais ou não (Paschoal & Tamayo, 2008; Sant’anna et al., 2012).

Na literatura, pode-se identificar evidências de que as estratégias de *coping* utilizadas relacionam-se ao bem-estar. Entretanto, não há um consenso sobre o conceito de bem-estar, o que resulta na adoção de diversos construtos, tais como bem-estar no trabalho (Siqueira & Padovam, 2008) e bem-estar pessoal nas organizações (Dessen e Paz, 2010). Apesar disso, a análise dos resultados dessas pesquisas forneceu parâmetros para a elaboração das hipóteses dessa investigação.

Na literatura internacional, Kvillemo e Bränström (2014) realizaram uma metanálise, com 78 estudos, que teve como objetivo examinar as associações entre estratégias de *coping* e bem-estar psicológico e saúde física de mulheres com câncer de mama. Os resultados obtidos demonstraram que as estratégias de aceitação (por exemplo, “fui aprendendo a viver com a doença”) e reavaliação positiva (por exemplo, “eu tenho tentado ver sob outra perspectiva, para fazê-la parecer mais positiva”) estavam relacionadas com maior nível de bem-estar e saúde física. Por outro lado, tipos de enfrentamento de desengajamento (por exemplo, “eu estou usando álcool e outras drogas para me sentir melhor”) e evitação (por exemplo, “eu tenho recusado acreditar que isso esteja acontecendo”) estão associados com menor funcionamento psicológico e saúde física.

Na literatura nacional, Silva (2009) analisou as relações entre dimensões afetivas do bem-estar subjetivo, estratégias de *coping* e fatores sociodemográficos em trabalhadores da Secretaria Municipal de Educação, Ciência e Tecnologia de Anápolis. Os resultados desse estudo indicaram que a estratégia de *coping* de reavaliação positiva e busca de gratificação alternativa correlacionaram-se positivamente com a vivência de afetos positivos; a utilização das estratégias análise lógica, evitação cognitiva e descarga emocional correlacionou-se positivamente com a vivência de afetos negativos; e, em relação às variáveis sociodemográficas tempo de serviço, função exercida e cargo de chefia, não houve diferença significativa na vivência de afetos positivos e afetos negativos (Silva, 2009). Resultados semelhantes foram encontrados na pesquisa de Silva (2012). O objetivo desse estudo foi identificar as estratégias de enfrentamento mais utilizadas pelos desempregados e avaliar a relação entre *coping* e bem-estar subjetivo entre esses trabalhadores. Os dados encontrados demonstraram que as estratégias de aproximação relacionaram-se de forma positiva

com afetos positivos; além disso, foi observado, com relação ao *coping* de evitação, índice de correlação positiva com afetos negativos.

Sobrinho e Porto (2012) buscaram identificar o impacto de variáveis demográficas, do clima social e do *coping* no bem-estar no trabalho, tendo como população funcionários de uma organização confessional do ramo de educação. No que diz respeito à relação entre *coping* e bem-estar no trabalho, os dados obtidos demonstraram que o fator esquiva tem fraca correlação com o bem-estar, ao contrário dos fatores manejo de sintomas e controle, que tiveram resultado significativo — mais especificamente, correlação positiva com afetos positivos e realização.

É importante mencionar a lacuna na literatura nacional no que se refere aos estudos que buscam relacionar as estratégias de *coping* e o bem-estar no trabalho na população de bombeiros militares.

Assim, este estudo teve como objetivo principal analisar os tipos de estratégias de *coping* utilizadas pelos bombeiros militares que se relacionam ao bem-estar no trabalho (nas dimensões afetos positivos e realização). Além disso, foi norteada pelas seguintes hipóteses:

H1 – A estratégia de *coping* controle relaciona-se de forma positiva com bem-estar no trabalho (nas dimensões afetos positivos e realização);

H2 – A estratégia de *coping* esquiva relaciona-se de forma negativa com o bem-estar no trabalho (nas dimensões afetos positivos e realização);

H3 – A estratégia de *coping* manejo de sintomas relaciona-se de forma negativa com o bem-estar no trabalho (nas dimensões afetos positivos e realização).

## Método

Este é um estudo de corte transversal, descritivo, de natureza quantitativa.

### Participantes

Os participantes deste estudo (n=121) foram bombeiros militares da área operacional (atividade-fim, nas viaturas) do estado da Bahia. A amostra foi de conveniência, sendo que todos os bombeiros da área operacional foram elegíveis para participarem do estudo. A tabela 1 apresenta a caracterização dos participantes do estudo.

A maioria dos participantes (73,3%) tem entre 31 e 45 anos. Quanto ao sexo, predominam os homens (80,99%). A escolaridade predominante dos participantes é de nível superior, sendo 45,0% com nível superior completo e 30,0% com nível superior incompleto. Em relação ao tempo de atuação na Corporação, a maioria dos participantes 60,4% possuem até 10 anos. No que concerne à carga horária semanal de trabalho na corporação, a maioria declarou atuar entre 37 e 44 horas semanais (53,33%).-

### Instrumentos

O instrumento de pesquisa aplicado foi estruturado da seguinte forma:

- Dados sociodemográficos e ocupacionais: Foi utilizado um questionário com perguntas referentes a dados sociodemográficos e ocupacionais.

- Condições de trabalho: Foram apresentadas questões relacionadas à presença de manuais e procedimentos técnicos a serem seguidos, à existência de um documento formal que exponha os riscos no trabalho aos bombeiros, à presença de medidas de segurança no trabalho pela corporação, à carga horária de trabalho semanal na corporação e em atividades laborais extracorporação, bem como se complementavam a renda com algum tipo de serviço extra corporação.

- Escala de *Coping* Ocupacional (ECO). Foi utilizada a Escala de *Coping* Ocupacional. Essa é a versão brasileira da escala que mensura o *coping* no contexto ocupacional desenvolvida por Latack (1986), tendo sido traduzida e validada por Pinheiro, Tróccoli e Tamayo (2003). A ECO é composta por 29 itens, agrupados nas três dimensões propostas por Latack (1986): manejo de sintomas - coeficiente de confiabilidade (alfa de Cronbach)  $\alpha=0,813$ ; controle - coeficiente de confiabilidade (alfa de Cronbach)  $\alpha=0,788$ ; e esquiva - coeficiente de confiabilidade (alfa de Cronbach)  $\alpha=0,774$ ). Esses três fatores juntos explicaram 29,6% da variância. Os índices de confiabilidade interna mostraram-se adequados e variaram entre 0,77 e 0,81.

- Escala de Bem-estar no Trabalho (EBET). Foi utilizado o instrumento construído e validado por Paschoal e Tamayo (2008). Essa escala é composta por três fatores: afeto positivo - coeficiente de confiabilidade (alfa de Cronbach)  $\alpha=0,93$ , explicando 39,97% da variância; afeto negativo - coeficiente de confiabilidade (alfa de Cronbach)  $\alpha=0,91$ , explicando 10,98% da variância; e realização - coeficiente de confiabilidade (alfa de Cronbach)  $\alpha=0,88$ , explicando 6,34% da variância. Os três fatores explicam, juntos, 57,30% da variância do construto, o que ratifica que o bem-estar no trabalho pode ser estruturado nessas dimensões (afeto e realização/expressividade) (Paschoal & Tamayo, 2008).

### **Procedimento de coleta de dados**

Os objetivos e o procedimento para a pesquisa foram apresentados ao Corpo de Bombeiros Militar da Bahia (CBMBA), que autorizou o estudo em alguns grupamentos/subgrupamentos do estado. Após autorização do CBMBA, foram divulgadas as informações sobre a pesquisa, com o convite para participação dos profissionais nas unidades de trabalho. Conforme as recomendações éticas da Resolução nº 466, de 2012, do Conselho Nacional de Saúde e do Conselho Federal de Psicologia, foi anexado ao instrumento o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido:

### **Procedimento de análise de dados**

Os dados foram analisados utilizando o software SPSS 20.0. Inicialmente, foram efetuadas análises exploratórias, a fim de avaliar o banco de dados, identificando possíveis erros de digitação, dados omissos (*missings*) e casos extremos (*outliers*); e análises descritivas, para identificar frequências, médias, desvios-padrão, amplitudes de variação e percentis. Em seguida, foi feita a análise fatorial das escalas utilizadas, para verificar a adequação da amostra estudada. Nesse procedimento, decidiu-se excluir os questionários que continham omissões na ECO, permanecendo no estudo 121 participantes.

Na análise fatorial da ECO, a solução encontrada mais adequada foi composta por 24 itens, distribuídos em 3 fatores que, juntos, explicaram 42,215% da variância com KMO=0,722 e índice de Bartlett significativo.

Na análise fatorial da EBET, a estrutura da matriz fatorial foi mantida, sendo que

os 3 fatores, juntos, explicaram 57,547% da variância do construto, com KMO=0,894 e índice de Bartlett significativo.

Vale ressaltar que para a análise dos níveis das estratégias de *coping*, este estudo seguiu o procedimento proposto pelos autores da ECO. Cada dimensão foi analisada separadamente e avaliada em relação ao ponto médio da escala, 3. Dessa forma, níveis abaixo de 3 são classificados como “abaixo da média”, níveis acima de 3 são classificados como “acima da média”, e iguais a 3, como “na média”. A análise do nível de bem-estar no trabalho também seguiu o mesmo procedimento proposto pelos autores da EBET. Assim, foram analisados cada fator de forma separada, e os níveis foram classificados em “acima da média” (>3), “abaixo da média” (<3) e “na média” (=3).

Posteriormente, foram realizadas análises de correlação e teste de significância e análise de variância. Nesse último procedimento, foi feita a correlação entre os dados das variáveis estratégias de *coping* e bem-estar no trabalho. Avaliou-se a relação de cada estratégia de *coping* aos níveis de bem-estar em cada fator (afetos positivos, afetos negativos e realização) a fim de verificar se haveria correlação entre essas variáveis, a magnitude dessa correlação ( $r$ ) e a sua significância estatística ( $p$ ).

### Resultados e Discussão

Foram realizados testes de correlação de Pearson a fim de verificar as possíveis relações entre as Estratégias de *Coping* Ocupacional e os níveis de Bem-Estar no Trabalho, em suas respectivas dimensões. Para essa análise, foi utilizado teste unilateral, visto que há direções específicas para as hipóteses que estão sendo testadas. A Tabela 2 apresenta os resultados encontrados.

A análise dos resultados indicou correlação significativa, apenas, entre as dimensões de Bem-Estar no Trabalho e as estratégias de *coping* manejo de sintomas e controle. O efeito maior foi observado entre a estratégia de *coping* controle e a dimensão realização ( $r=.591$ ;  $p=.01$ ). Além disso, apesar de o efeito ser considerado pequeno, houve relação significativa entre a dimensão afetos positivos e a utilização da estratégia controle ( $r=.212$ .;  $p=.01$ ). Esses resultados corroboram a primeira hipótese da pesquisa — *a estratégia de coping controle relaciona-se de forma positiva com bem-estar no trabalho* (dimensões afetos positivos e realização)”.

A estratégia de *coping* esquiva não apresentou correlação significativa com nenhuma das dimensões de bem-estar no trabalho, sendo rejeitada a segunda hipótese desta pesquisa — *a estratégia de coping esquiva relaciona-se de forma negativa com o bem-estar no trabalho* (dimensões afetos positivos e realização)”.

A estratégia de *coping* manejo de sintomas apresentou correlação significativa com a dimensão realização ( $r=.266$ ;  $p=.01$ ), o que indica que a maior utilização do manejo de sintomas relaciona-se a maior nível de realização. Assim, refuta-se a terceira hipótese — *a estratégia de coping manejo de sintomas relaciona-se de forma negativa com o bem-estar no trabalho* (dimensões afetos positivos e realização).

Os resultados obtidos são congruentes com os encontrados por Sobrinho e Porto (2012). Esses autores concluíram que as estratégias manejo de sintomas e controle estão correlacionadas significativamente e impactam a variância do bem-estar no trabalho. Mais especificamente, a estratégia manejo de sintomas correlaciona-se de forma positiva com afeto positivo e a estratégia controle correlaciona-se de forma positiva com afeto positivo e realização.

Mendonça, Ferreira, Caetano e Torres (2014) analisaram a relação entre

estratégias de *coping* e bem-estar subjetivo e encontraram correlação positiva entre as estratégias manejo de sintomas, controle e esquiva e afetos positivos. No estudo de Silva (2012), os resultados encontrados foram semelhantes. Essa autora trabalhou com o construto de *coping* proposto por Moss (1993) e com o construto bem-estar subjetivo e encontrou correlação positiva entre as estratégias de aproximação, que podem ser comparadas à estratégia controle, e afetos positivos.

No geral, no que concerne à correlação entre os construtos estudados, os resultados obtidos na presente pesquisa corroboram os resultados encontrados na literatura. A partir dos resultados desta pesquisa e de outros estudos (Silva, 2012; Sobrinho & Porto, 2012), pode-se supor que determinadas estratégias de *coping* tendem a associar-se com os níveis de bem-estar no trabalho (afetos positivos e realização). Corroborando essa afirmação, Latack (1986) já assinalava que qualquer estratégia pode produzir resultados positivos, a depender de uma complexa rede de fatores situacionais e de personalidade. Mas, como sinalizado pela autora, em uma situação de trabalho, a estratégia de controle seria mais propensa a produzir resultados positivos, uma vez que, ao utilizá-la, é mais provável conseguir mudar a situação estressante em vez de simplesmente aceitá-la, esquivar-se mentalmente ou de forma comportamental, ou relaxar temporariamente.

Entende-se a estratégia controle como “ações e reavaliações de enfrentamento ou confronto com o estressor” (Latack, 1986). Porém, em muitos contextos de trabalho, não há possibilidade de alterar a situação estressora. É o caso do contexto de trabalho do bombeiro militar, visto que os profissionais estão submetidos a uma rígida organização hierárquica e ao militarismo. Assim, considerando as características do contexto de trabalho e o resultado das análises descritivas, supõe-se que esses profissionais realizam mais reavaliações de enfrentamento do que ações de enfrentamento, devido à restrita possibilidade de alterar as situações estressoras. Entretanto, recomenda-se a condução de outros estudos que possam confirmar esse padrão. A maior utilização dessa estratégia está associada a uma maior vivência de afetos positivos e à percepção do indivíduo de que, no seu trabalho, desenvolve seu potencial e avança no alcance de suas metas de vida.

### Considerações Finais

O presente estudo teve como objetivo analisar as relações entre as estratégias de *coping* ocupacional utilizadas por bombeiros militares e o nível de bem-estar no trabalho apresentado por esse segmento profissional. Pode-se considerar que o objetivo foi alcançado e que se respondeu à questão central de pesquisa, “que tipos de estratégias de *coping* utilizadas pelos bombeiros militares relacionam-se ao bem-estar no trabalho (nas dimensões afetos positivos e realização)?”.

Essa categoria profissional – bombeiros militares – evidencia uma aparente contradição visto que embora expostos a diversos estressores psicoemocionais e agentes físicos, biológicos e químicos, no geral, os profissionais demonstram orgulho de sua profissão, devido à relevância social do seu trabalho, por “salvar vidas”.

No que tange à relação entre as estratégias de *coping* ocupacional e o nível de bem-estar, é importante salientar que a estratégia controle apresentou correlação positiva significativa com a dimensão de bem-estar no trabalho realização. Corroborar-se esse dado com os resultados encontrados por diversos estudos, o que pode fomentar a realização de programas que apoiem a utilização desse tipo de estratégia de *coping* e, dessa forma, aumentar o nível de realização desses profissionais.

Diante dos resultados obtidos, salienta-se a importância de outros estudos que busquem compreender a relação entre as estratégias de *coping* ocupacional e os níveis de bem-estar no trabalho, a fim de balizar ações que promovam o bem-estar nesse contexto, visto que o presente estudo possui limitações. A amostra deste estudo foi de conveniência, já que os bombeiros militares que participaram da coleta de dados faziam parte dos grupamentos/subgrupamentos da Bahia em que houve autorização para a realização da pesquisa. Assim, esses resultados não devem ser generalizados a toda a população de bombeiros militares. É importante sugerir a realização de estudos com amostras aleatórias e um número maior de participantes, a fim de compreender melhor os padrões das Estratégias de *Coping* e Bem-Estar no Trabalho da população estudada.

Apesar dessas limitações, a presente pesquisa propiciou o conhecimento da realidade na perspectiva do contexto de trabalho, mais especificamente da natureza do trabalho dos bombeiros militares.

### Referências

- Cardoso, L. A. (2004). *Influência dos fatores organizacionais no estresse de profissionais bombeiros* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Carneiro, L. L. (2013). *Bem-estar pessoal nas organizações: o papel do locus de controle no trabalho* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal da Bahia, Salvador/BA. Recuperado de <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/14518/1/Dissertação%20-%20Laila%20Carneiro.pdf>
- Coelho, M. T. A. D., & Almeida-Filho, N. de (2002). Conceitos de saúde em discursos contemporâneos de referência científica. *História, Ciências, Saúde*, 9(2), 315-33.
- Constituição da Organização Mundial da Saúde (OMS/WHO) de 1946.
- Costa, F. D. D., Sangaleti, R., & Santos, V. E. D. (2015). *Trabalho prescrito, trabalho vivo e mobilização subjetiva: o caso dos bombeiros militares em atividade meio* (Monografia), Universidade de Brasília, Brasília-DF.
- Cremasco, L., Constantinidis, T. C., & da Silva, V. A. (2010). A farda que é um fardo: o estresse profissional na visão de militares do corpo de bombeiros. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, 16(2), 83-90.
- De Almeida, D. M., Ibdaiwi, T. K. R., Lopes, L. F. D., Costa, V. M. F., & Possamai, L. O. (2015). Estresse ocupacional na perspectiva dos bombeiros da cidade de Santa Maria/RS. *Revista de Carreiras e Pessoas (ReCaPe)*, 5(1), 156-171.
- Dessen, M. C. (2010). *Indicadores de bem-estar pessoal nas organizações: o impacto da percepção da cultura, do perfil pessoal e de ações de qualidade de vida no trabalho e qualidade de vida do trabalhador* (Tese de Doutorado). Universidade de Brasília, Brasília-DF. Recuperado de [http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/8326/1/2010\\_MarinaCamposDessen.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/8326/1/2010_MarinaCamposDessen.pdf)
- Dessen, M. C., & Paz, M. G. T. (2010). Validação do instrumento de indicadores de bem-estar pessoal nas organizações. *Psicologia em Estudo*, 15(2), 409-418.
- Folkman, S.; & Lazarus, R. S. (1990). Coping and emotion. In: N. L. Stein, B. Leventhal, & T. Trabasso (Eds.), *Psychological and biological approaches to emotion* (pp. 313-332). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Kvillemo, P., & Bränström, R. (2014). Coping with breast cancer: a meta-analysis. *PLoS One*, 9(11), e112733.

- Latack, J. C. (1986). Coping with job stress: measures and future directions for scale development. *Journal of Applied Psychology*, 71(3), 377-385.
- Lopes, V. R. (2010). *O papel do suporte social no trabalho e da resiliência no burnout: um estudo com bombeiros militares* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia/MG.
- Malvezzi, S. (2014). Prefácio. In: J. C. Zanelli, J. E. Borges-Andrade, & A. V. B. Bastos (Orgs.), *Psicologia, organizações e trabalho no Brasil* (pp. 13-17). Porto Alegre, RS: Artmed.
- McMurray, A. J., Pirola-Merlo, A., Sarros, J. C., & Islam, M. M. (2010). Leadership, climate, psychological capital, commitment, and wellbeing in a non-profit organization. *Leadership & Organization Development Journal*, 31(5), 436-457.
- Melo, L. P. (2015). *Síndrome de Burnout em bombeiros: prevalência, fatores de risco e proposta de intervenção* (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS.
- Mendonça, H., Ferreira, M. C., Caetano, A., & Torres, C. V. (2014). Cultura organizacional, *coping* e bem-estar subjetivo: um estudo com professores de universidades brasileiras. *Revista Psicologia Organizações e Trabalho*, 14(2), 230-244. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S198466572014000200009&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198466572014000200009&lng=pt&tlng=pt).
- Mendonça, H., Ferreira, M. C., Porto, J. & Zanini, D. S. (2012). Saúde, qualidade de vida e bem-estar: limites e interfaces teórico-metodológicas. In: M. C. Ferreira, & H. Mendonça (Orgs.), *Saúde e bem-estar no trabalho: dimensões individuais e culturais* (pp. 11-33). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Molinet, F. (2011). *Fatores de Estresse Ocupacional na atividade do Bombeiro Militar* (Curso de Formação de Soldados). Corpo de Bombeiros Militar de Santa Catarina, Florianópolis/SC.
- Paschoal, T., Demo, G., Fogaça, N., Ponte, V., Edrei, L., Francischeto, L., & Albuquerque, G. (2013). Bem-estar no trabalho: cenário dos estudos brasileiros publicados na primeira década do novo milênio. *Proceedings of the TMS Int. Conference 2012: Human Resources, Business Ethics & Governance*. Recuperado de <http://tmstudies.net/index.php/ectms/article/view/561>
- Paschoal, T. (2008). *Bem-estar no trabalho: relações com suporte organizacional, prioridades axiológicas e oportunidades de alcance de valores pessoais no trabalho* (Tese de Doutorado). Universidade de Brasília, Brasília/DF.
- Paschoal, T. & Tamayo, A. (2008). Construção e validação da Escala de Bem-Estar no Trabalho. *Avaliação Psicológica*, 7(1), 11-22.
- Pinheiro, F. A., Tróccoli, B. T., & Tamayo, M. R. (2003). Mensuração de coping no ambiente ocupacional. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 19(2), 153-158.
- Sant'anna, L. L., Paschoal, T., & Gosendo, E. E. M. (2012). Bem-estar no trabalho: relações com estilos de liderança e suporte para ascensão, promoção e salários. *Revista de Administração Contemporânea*, 16(5), 744-764.
- Silva, E. N. (2009). *Coping e dimensões afetivas do bem-estar subjetivo: um estudo com trabalhadores da educação* (Dissertação de Mestrado). Universidade Católica de Goiás, Goiânia/GO. Recuperado de [http://tede.biblioteca.ucg.br/tde\\_arquivos/11/TDE-2009-08-03T090408Z-617/Publico/Eliete%20Neves%20da%20Silva.pdf](http://tede.biblioteca.ucg.br/tde_arquivos/11/TDE-2009-08-03T090408Z-617/Publico/Eliete%20Neves%20da%20Silva.pdf).
- Silva, L. F. (2012). *Estratégias de coping e bem estar subjetivo: estudo com trabalhadores desempregados* (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia/GO. Recuperado de [http://tede.biblioteca.ucg.br/tde\\_arquivos/11/](http://tede.biblioteca.ucg.br/tde_arquivos/11/)

TDE-2013-06-24T122952Z-1197/Publico/LIDIANE%20FERREIRA%20DA%20SILVA.pdf.

- Siqueira, M. M. M., & Padovam, V. A. R. (2008). Bases teóricas de bem-estar subjetivo, bem-estar psicológico e bem-estar no trabalho. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 24(2), 201-209. Recuperado de [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010237722008000200010&lng=en&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010237722008000200010&lng=en&tlng=pt). 10.1590/S0102-37722008000200010.
- Sobrinho, F. R., & Porto, J. B. (2012). Bem-estar no trabalho: um estudo sobre suas relações com clima social, *coping* e variáveis demográficas. *RAC*, 16(2), art. 5, 253-270.
- Souza, K. M. O. D., Velloso, M. P., & Oliviera, S. S. (2012). *A profissão de bombeiro militar e a análise da atividade para compreensão da relação trabalho-saúde: revisão da literatura*. VIII Seminário de Saúde do Trabalhador (em continuidade ao VII Seminário de Saúde do Trabalhador de Franca) e VI Seminário "O Trabalho em Debate", Franca/SP. Recuperado de <http://www.proceedings.scielo.br/pdf/sst/n8/21.pdf>
- Tavares, F., & Padilha, V. (2016). Os sentidos do trabalho e a produção artesanal: os casos do luthier e do mestre vidreiro. *Revista Mundi Engenharia, Tecnologia e Gestão*, 1(1).

